**Fusões e aquisições começam a sair da gaveta no primeiro trimestre de 2003**
*Marta Barcellos*

Os bons indicadores macroeconômicos estão desengavetando mandatos de venda de empresas que tinham sido suspensos no fim do ano passado. As primeiras pesquisas sobre fusões e aquisições deste ano mostram um movimento até 35% maior que no primeiro trimestre do ano passado do que no mesmo período de 2002. Segundo a KPMG, no primeiro trimestre deste ano foram registradas 58 transações, lideradas pelo setor financeiro e de tecnologia da informação, ambos com sete negócios cada.

Como o novo governo sinaliza manter a política de incentivo a privatizações, o risco-país está em queda e ainda há setores muito pulverizados, como o de alimentos, a expectativa é de um ano aquecido. "Estamos esquentando as turbinas", diz André Castello Branco, sócio-diretor da KPMG, consultoria que estuda até ampliar o seu departamento de fusões e aquisições para dar conta da maior demanda de negócios.

"As incertezas geradas pela eleição fizeram com que algumas operações ficassem 'mandatadas' nos últimos meses de 2002, aguardando uma definição", conta Marcelo Cunha, diretor da Thomson Financial. "Várias delas aconteceram agora, em 2003". A Thomson registrou 43 transações no primeiro trimestre, uma a mais do que no mesmo período do ano passado. Pelo estudo da consultoria, os números de 2002 sofreram um forte impacto da paralisação de negócios ocorrida no segundo semestre, e no final foram registradas apenas 188 operações no ano. Em 2001, tinham ocorrido 313 transações, segundo a pesquisa da Thomson.

A tendência de 2002 de um número maior de transações domésticas, com empresas brasileiras se destacando como compradoras, repetiu-se no primeiro trimestre deste ano, mas Castello Branco acredita que agora os grupos estrangeiros devem voltar a investir na aquisição de ativos nacionais. "Teremos um equilíbrio entre transações domésticas e 'cross border' este ano", prevê o diretor. Dos 58 negócios fechados este ano, 38 foram operações nacionais e 20 envolvendo empresas estrangeiras, segundo a KPMG.

Esse fenômeno, explica o diretor da KPMG, aconteceu por conta da menor percepção de risco que as empresas nacionais tinham sobre a economia brasileira. Agora, porém, com a queda do risco-país e os bons indicadores macroeconômicos, os compradores estrangeiros voltam a se interessar pelos bons negócios que alguns setores ainda sinalizam no Brasil. As variações do dólar, diz Castello Branco, influenciam pouco a tomada de decisões desses compradores. "O mercado não se movimenta em função de preço." A guerra no Iraque, afirma, por enquanto não parece afetar a tendência de aquecimento nos negócios.

O mercado de fusões e aquisições vislumbra ainda muitas oportunidades em torno das privatizações, como no caso de bancos estaduais, geração de energia elétrica e saneamento básico. Conta-se ainda com o estímulo governamental para projetos de parcerias com a iniciativa privada em setores como ensino, prisões e hospitais, diz o diretor da KPMG. "Historicamente o governo tem sido o grande estimulador das fusões e aquisições", lembra ele.

No primeiro ranking do ano, liderado pelos setores financeiros e de tecnologia da informação, ficaram em destaque também as áreas de alimentos e bebidas (5 transações), telecomunicações (5) e metalurgia e siderurgia (4).

**Valor Econômico - 10/04/2003**